

5º Congresso Rio de Educação – 2007

Palestra: A Educação no Século XXI e o Perfil dos Educadores

Palestrante: Mário Cortella

Ao falar de “Educação no Século XXI” precisamos lembrar de algo especial: nem tudo o que vem do passado tem de ser descartado, assim como nem tudo o que vem do passado precisa ser conservado. Aquilo que é transmitido do passado que devemos proteger e conservar denomina-se “tradicional”; aquilo que precisa ser descartado chama-se de “arcaico”. Quando analisamos a educação realizada no século XXI, devemos analisar o que é arcaico e o que é tradicional na educação que se fez no século XX. Ir em direção ao século XXI não significa abdicar das visões do século XX nem do século XIX, mas deixar naqueles séculos o que os pertence. A escola é velha quando não se renova - e renovar-se não equivale a ser nova, mas trazer para este século aquilo que no século XX provou ser necessário, eticamente adequado e pedagogicamente eficiente.

Há inúmeros elementos de nossas vidas que são arcaicos - que devem ser deixados para trás - e outros, tradicionais. Costumo dizer que estamos sendo vítimas do que chamo de “despamonhização” da vida, que também afeta a área de educação. O que isso quer dizer? Significa que não se faz mais pamonha e isso tem impacto fortíssimo na nossa convivência. A nova geração com a qual lidamos na escola não tem noção de processo. Tudo é pronto e instantâneo. O último reduto em que se educava nossa paciência era a máquina fotográfica com filme. Mas, agora, tudo é rápido. É a vida “miojo”. Não sou contra a tecnologia - isso seria uma tolice -, contudo, a máquina digital deseducou nossa paciência. Nem sempre o prático é o mais correto.

Tudo isso tornou a vida mais prática. Porém, nem tudo o que é prático nos serve. Na educação, por exemplo, muita gente está criando “atalhos” nos cursos - reduzindo cargas, diminuindo a qualidade. Há, sem dúvida, elementos arcaicos da educação do século XX que devem ser descartados: o autoritarismo, a fixação exclusiva em conteúdo, a autoridade docente inamovível, a falta de envolvimento dos pais, etc. Entretanto, existem, igualmente, aspectos positivos daquele modelo que devem ser conservados: a autoridade docente, o trabalho planejado, os fundamentos éticos, a eficácia pedagógica. Atualmente, a educação apresenta, também, uma realidade preocupante: a conservação do pior defeito do século XX, ou seja, o consumismo desenfreado que desperta, na cabeça dos jovens, a visão distorcida de que desejos se transformam em direitos.

A qualidade que devemos manter na nova educação é a *sinceridade* - e o *cinismo* deverá ser descartado. Muitas pessoas praticam o que chamo de “adesão cínica” ao serem coniventes com práticas ilícitas como comprar produtos piratas, pagar serviços e produtos sem exigir nota fiscal, só respeita limite de velocidade onde há radar, usa carteira de estudante falsificada para ingressar em espetáculos - e depois reclama dos políticos, da violência, etc. Essas pessoas são as mesmas que, diante das notícias sobre o cotidiano, se indigna e exige: “Alguém tem que fazer alguma coisa!”. Muitas vezes, são aquelas que ridicularizam empregados que não tiveram a oportunidade de se alfabetizar - num país, aliás, de 15 milhões de analfabetos. E seus filhos aprendem a bater em empregadas domésticas, agredir mendigos e matar índios.

Devemos caminhar para o século XXI com uma educação que leve em conta valores de proteção à vida no seu conjunto e não defenda privilégios. Do contrário, não se tratará de ética, mas de *etiqueta*. As inovações tecnológicas criaram um distanciamento entre pais e filhos, fenômeno que nos fazemos enfrentar uma realidade totalmente diferente da que vivemos há algumas décadas. Muitos jovens passam horas entretidos com o computador, em páginas da internet, freqüentando comunidades no Orkut - algumas de caráter ilegal ou voltadas para práticas nocivas -, e não desgrudam de seu celular. A falta de contato entre adultos e jovens na família se aprofunda porque somos a primeira geração de pais que sai de casa mais tarde do que os filhos - que sequer necessitam de alguém para os acordar, já que têm despertador para isso. O primeiro adulto que encontram está na escola - é aquele que diz o que podem fazer, o que não podem, se estão vestidos adequadamente, se estão atrasados. Aí, o jovem se comporta como um animal acuado e parte para cima.

Estamos passando para esses jovens a pior herança do mundo romano: a idéia de *carpe diem* (aproveite o seu dia). Essa frase, e sua noção implícita (“salve-se quem puder”) representa ao período de decadência do Império Romano, embora tivesse sido formulada em seu ápice. Estamos aterrorizando os jovens dizendo: “Não haverá futuro!”. Ou seja, não haverá meio ambiente, não haverá trabalho, não haverá segurança. Só lhes resta viver o presente. Em vista disso, acredito que boa parte de nossas escolas deveriam começar a implantar, desde a educação infantil, sessões orientais de meditação - para acalmar o espírito. Muitas vezes pensamos que certas crianças são hiperativas, mas, na realidade, vivemos numa sociedade de sofreguidão. No evangelho de Mateus, Jesus Cristo afirma: “De nada adianta um homem ganhar o mundo se perder a sua alma”. Isto equivale a dizer que o homem não pode perder a sua essência. Portanto, para uma sociedade que está sôfrega devemos trabalhar não só conteúdos curriculares, mas também a meditação, a audição de músicas mais relaxantes - fazendo com que os alunos baixem seu metabolismo.

É preciso que se tenha muito cuidado com a tecnologia, pois pode ser enganosa. Muita gente diz que *navega* na internet mas, na verdade, *naufraga*. A internet é um estupendo instrumento de acesso à *informação*, que não deve ser confundida com *conhecimento*. Informação é cumulativa e conhecimento, cumulativo. Para que a informação se transforme em conhecimento é necessário critério, e cabe à escola ajudar a pensar tais critérios. Há professores que “soterram” os alunos com informação achando que estão transmitindo conhecimento. E o que é pior: acreditam que os alunos só se interessam pela escola quando têm acesso a ferramentas tecnológicas. Isso não é verdade. Não façamos o discurso daqueles que só falam mal da escola e não apresentam propostas. Essas pessoas desprezam a escola, que representa uma experiência sociocultural insubstituível.

Precisamos modernizar a mentalidade da escola para que, conseqüentemente, a tecnologia acompanhe esse processo. Obviamente, nenhum de nós é contra a tecnologia, mas apenas conquistaremos a atenção dos jovens se soubermos usá-la em companhia deles. A tecnologia resulta de uma mentalidade moderna, e não o contrário. Por isso, acredito que na educação do século XXI o professor precisará ter um perfil originado de uma idéia básica: humildade pedagógica. Ou seja: há coisas que não sabemos. A começar pela juventude com a qual trabalhamos - é necessário prestar mais atenção. Não nos damos conta, mas o tempo avança rapidamente, e esses novos estudantes não eram nascidos quando alguns fatos marcantes da vida brasileira e do mundo aconteceram - por exemplo, a eleição de Fernando Collor, a morte de Renato Russo, a morte dos Mamonas Assassinas, o assassinato da ovelha clonada Dolly, etc. Eles não conheceram a inflação. Portanto, a noção de tempo foi radicalmente alterada.

Muitos professores afirmam que os alunos não são mais os mesmos. Ora, isso é o óbvio. Contudo, existem muitos professores que continuam a utilizar os mesmos métodos empregados há anos. A equipe pedagógica e a comunidade escolar têm de discutir para organizar os cursos. Cuidado com a “tacocracia” - isto é, a ditadura do rápido. Tenha atenção com a resignação que se manifesta como cumplicidade. O pior risco, entretanto, é ficarmos prisioneiros do mesmo em um mundo de mudanças. Segundo pesquisas de audiência televisiva, uma criança ao ingressar na escola, hoje, já assistiu a cerca de 5 mil horas de televisão, numa média de 3 horas diárias, a partir dos dois anos de idade. Assim, ela já viu programas como telenovelas, noticiários, canais por assinatura, pornografia, futebol, etc.

Concluimos, então, que a educação no século XX terá de ser modernizada pela *mentalidade*, que, por sua vez, exige humildade. Só é um bom ensinante quem for um bom aprendiz. Por isso, devemos sempre ter em mente o que certa vez falou a estupenda escritora ucraniana, radicada no Rio de Janeiro, Clarice Lipector: “O melhor de mim é aquilo que eu ainda não sei, porque aquilo que ainda não sei é exatamente meu território de renovação e de crescimento”. É preciso mudar - mudança não é a criação do inédito, e sim do novo. Criar uma nova escola, portanto, significa manter, também, o tradicional. Não se pode deixar para trás a autoridade docente, que se constitui a partir da competência pedagógica, científica e ética. Então, a humildade à qual me referi nada tem que ver com a subserviência.

A humildade faz com que o professor admita a sua dúvida sobre o que está fazendo. Desconfie de quem não tem dúvidas. O escritor Millor Fernandes diz em uma de suas máximas: “Se você não tem dúvidas é porque está mal informado”. É claro que não podemos só ter dúvidas, mas não as ter é sinal de envelhecimento. No Brasil se tem medo da dúvida porque a escola nos traumatizou. Essa cultura escolar tem de ser mudada. Quem tem dúvida cresce. Outra coisa importante é ouvir quem discorda de você.